

## EDITORIAL

Cynthia De Paoli

Freud nos afirmava que o ego era o escudo protetor que filtrava os estímulos advindos de um mundo hostil e desconhecido. O ego seria o depositário das identificações abandonadas durante a vida e que nos serviram numa busca identitária.

Lacan, em seu ensino, decompôs o sujeito em três características, ao construir seu arcabouço teórico: real, simbólico e imaginário. No início de seus seminários, privilegiava o simbólico e o real no discurso do analisando, relegando o aspecto imaginário, no qual o corpo se incluiria, como algo de que deveríamos nos despojar em uma análise, para chegar ao “osso” do sujeito atravessado pela linguagem, o desejo desencarnado no campo do Outro.

O pai, enquanto corpo, passaria a ser inexistente nesta formulação, pois tudo se passaria na ordem do significante: metáfora e metonímia. O pai do romance familiar, particular a cada um, foi desnaturalizado e inserido no campo do significante – Nome-do-pai –, tornou-se uma função, agente da castração.

As estruturas clínicas se definiriam frente à posição de cada um perante o significante, a capacidade de metaforização de sua falta-a-ser. Numa leitura do texto freudiano “Die Verneinung” (1925), Lacan teoriza a constituição do sujeito a partir de *Bejahung*, *Verwerfung*, *Verleugnung* e *Verdrängung*.

Só nos últimos seminários proferidos Lacan recupera o registro imaginário, dando-lhe o mesmo estatuto e importância que as categorias simbólica e real. Afirma então que, sem o imaginário, nenhum contato ou laço com o outro seria possível.

Ao fazer suas formulações derradeiras sobre final de análise, em RSI (1974-75), ele nos diz que o horizonte a se alcançar em uma

análise, quando levada a seu termo, é o *sinthome*, sintoma neurótico desbastado pela interpretação no processo de análise. O *sinthome* seria o mais próprio e particular do sujeito, uma forma de gozo, inalcançável pela interpretação, intocado como o “rochedo da castração” freudiano. Ele decompõe o *sinthome* em dois elementos,  $S_1$  e *a*, pertencentes ao campo do sentido e ao campo do gozo. O corpo, enquanto sintoma e *sinthome*, é, então, simbólico, imaginário e real, pois é referido ao irredutível do inconsciente.

O corpo, enquanto o que de visível do analisando comparece na prática clínica, a envoltura do sintoma, é um tema pouco abordado em toda sua amplitude nos textos psicanalíticos. O corpo, superfície imaginária, marca identitária, é efeito do atravessamento da linguagem sobre o sujeito, fonte e alvo da pulsão e da fantasia. O corpo, em sua presença muda, gozo particular e inacessível ao outro, está referido a uma subjetividade específica, recalque e sintoma.

O título deste número é uma pergunta: de que corpo trata a psicanálise?

Sobre que corpo físico opera a psicanálise? Um corpo atravessado pela linguagem, em que o sintoma surge enquanto metáfora da falta-a-ser na tragédia humana?

O imaginário do corpo enquanto possibilidade de representação do ser, em sua busca identificatória?

Qual é o corpo teórico da psicanálise, uma ciência moderna, marcada pela indeterminação causal e pela impossibilidade de demonstração?

De que instrumentos teóricos dispõe o fazer analítico? Como a psicanálise atua em relação ao sintoma? Quais são seus limites de atuação na contemporaneidade? É um fazer que responde ao homem em sua angústia? Aonde podemos chegar em uma análise?

Enfim, não são poucas as inquietações que o tema evoca.

Neste ano, 2008, Tempo Psicanalítico volta a ter periodicidade semestral. Serão dezoito artigos sobre o tema-título, distribuídos em dois fascículos, refletindo as dificuldades deste fazer, que através do sentido busca tocar um corpo real.